



UM SUPLEMENTO DE SIGNIFICANTE

Marcus André Vieira

Referência

Vieira, M. A. Um suplemento de significante. *A ordem simbólica no século XXI*, Rio de Janeiro, Subversos, 2013, pp. 99-109.

[Capa e índice](#)

*

O título que nos reúne desafia a localizar o que justifica a interpretação psicanalítica em nossos dias. Parto do que me parece mais seguro: nossa interpretação não tem como objetivo produzir sentido, mesmo se o produz. Se inscreve na perspectiva do real. A interpretação, diz Lacan, visa o gozo.¹

O gozo, no entanto, se declina de mais de uma forma. Para situar, rapidamente, o gozo proponho caracterizá-lo como *a vida que se tem* que não cabe na *vida que se leva*. Esta *vida que se tem* em algum lugar do corpo *não cabe* ao menos de dois modos em nossa clínica: como aquilo que sempre escapa ou que se apresenta sempre no mesmo lugar. O real fugidio do sujeito e o da repetição, do objeto na fantasia.

Após o último *Curso da Orientação Lacaniana* não podemos deixar de interrogar a interpretação com relação a uma terceira figura do real, o da “reiteração” - insistência, fora de cena, vazia de forma, de uma pura existência.² Se nos dois primeiros, o gozo é a *vida que se tem* quando ela não cabe na *vida que se leva* e por isso é trauma ou repetição, aqui, trata-se do gozo de um corpo que em seu vibrar fornece à *vida que se leva* o tom fundamental da vida que *ele* tem.

Pois bem, nossa interpretação, vazia de significação, é homóloga ao “primeiro” real. Reporto-me à situação descrita por R. Barthes:

Nunca lhes aconteceu, ao ler um livro, de interromper incessantemente sua leitura não por desinteresse, mas ao contrário, por afluxo de ideias, de excitações, de associações? Em suma, nunca lhes aconteceu de ler *levantando a cabeça*?³

É a interpretação como corte. Topamos com algo em uma história que nos abre um mundo de possibilidades até então insuspeitadas.⁴ Ler “com a cabeça levantada” é penetrar na dimensão do desejo que sustenta o texto, entre linhas, presença de uma ausência.

Apesar disso, não podemos separar radicalmente interpretação e sentido. Só após o instante de Barthes, após terem sido lançados, quando os dados caírem, terá havido

interpretação. Ela, mesmo quando apenas destaca os significantes-mestres de uma vida, mesmo quando não está nem aí para o sentido, a ele retorna.⁵

Em uma análise, porém, a leitura de si produzida pela interpretação não é apenas um sentido a mais, ela descortina o ponto de convergência do leque de leituras possíveis.⁶ O analista, na transferência, empresta seu corpo à aposta de que a fantasia encerra um objeto paradoxal, como neste sonho de W. Benjamin.

Estava à margem esquerda do Sena, diante da Notre-Dame (...), mas não havia nada que se assemelhasse a ela. Somente os últimos níveis de um edifício de tijolos ultrapassavam um alto tapume de madeira que o envolvia. Estava em Paris, mas a saudade de Paris me invadia. De onde vinha esta saudade? E este objeto completamente deformado, irreconhecível? É que, no sonho, eu me tinha posto demasiado próximo. A incrível nostalgia que havia se apoderado de mim aqui, no coração do objeto desejado, era aquela que (...) prescinde da imagem.

Entre o real deste objeto sem forma e a interpretação a relação não é mais de homologia. Nos termos de Lacan, a interpretação *incide* sobre o objeto. A incidência das sucessivas interpretações, pontuações e cortes, vai pacientemente recortando-o e no mesmo movimento delineando a cena da fantasia. Ela tanto é a tesoura da falta-a-ser quanto o bordado do inconsciente (transferencial)

**

Minha prática tem essas coordenadas como norte. Nessas balizas me apoio quotidianamente.

Nossos dias, porém, fazem crer em um acesso direto ao real. Os dicionários de sonhos há muito foram substituídos pelos dicionários de sintomas (o *DSM*, por exemplo). Quando éramos mergulhados no plano das significações, podíamos pescar os significantes que as estruturavam. Hoje somos expostos a uma chuva de designadores rígidos, cifras de gozo: bulímicos, *aspergers*, mulheres-que-amam-demais etc.

É como se pudéssemos dispensar a leitura, a travessia das significações particulares de uma vida, por exemplo. O mestre contemporâneo não lê, contabiliza suas cifras. Aos leitores, em lugar do encantamento pelo significante e suas condensações e deslocamentos, só resta a partilha entre aceitar ou rejeitar o ciframento da vez: apenas “gosto, não gosto”, “sou, não sou”.⁷

O real da falta-a-ser anda sumido. Carentes de narrativas e de suas entrelinhas, como acionar o sujeito e a suposição de saber? Como apontar para o gozo, se São João e seu indicador erguido se tornaram apenas mais um fato contábil na prateleira do mercado de arte?

Ajuda-me em situações, em que parece não haver mais leitor, poder articular o inconsciente com o horizonte de lalíngua e da letra, é o que se apresenta no que elabora Benjamin a partir de seu sonho:

[Que saudade era essa que prescinde da imagem?] Era a saudade feliz que, tendo ultrapassado o limiar da imagem e da posse, conhece apenas a força do nome, da palavra, a partir da qual o ser amado vive, se transforma, envelhece, rejuvenesce e – por não ter imagem – é o refúgio de todas as imagens.⁸

Este nome da coisa está fora do campo da interpretação. Não pode ser dito, nem lido, se por leitura entendemos alguma relação com o sentido, mesmo *a posteriori*. Ele pode, porém, como afirma Lacan, cito, ser “colhido em uma rede de escrita”, que em vez de estabelecer uma relação, escreva, lembra Miller, a falta de relação.⁹ Viram-se do avesso os significantes-mestres de uma vida e engendram-se nomes de gozo no limite do sentido e da fantasia, estes que o passe nos transmite. Eles sustentam, para o sujeito, tanto o impossível da relação quanto onde se assenta todo laço e que chamamos *sinthoma*.

Há nisso cifra, só que outra cifra, digamos, espontânea e singular, do gozo.

Pode esse horizonte da língua do *sinthoma*, contribuir com as entradas em análise e com a língua da transferência, onde reside a dificuldade hoje, especialmente se nos reportamos à sua presença no campo do sentido como ressonância.¹⁰ Um exemplo relativamente banal:

Um jovem para quem estar ali não faziam nenhum sentido, que veio por "ser" um TDAH e portador de Síndrome do pânico, obrigado pela namorada. Muitas sessões e nenhuma abertura ao inconsciente, mas ao folhear um livro de Freud na sala de espera, chega na sessão assombrado e diz: mas esse cara delira!

Algo aconteceu, ele não é mais o mesmo. Fim do pânico, mas será preciso ainda muito tempo para que algum s2 venha abrir a porta de entrada para o inconsciente transferencial (e que não se dará pelo delirante).

Consentir com que este encontro não produza necessariamente a abertura do inconsciente, mas apenas um enganche até que algo venha nomeá-lo, poder estar, no tempo da ressonância¹¹ deste encontro, à espera, se apóia em situações como a seguinte, no outro extremo:

Aquele que em meio aos rios de raciocínios e teorias que é levado obsessivamente a produzir a cada vez que ouve a voz do Outro, sente seu corpo tomado por outro elã que não o velho conhecido. E isso por ter se deparado com o eco de um "gemido de menino" que lhe vinha do vizinho em pequeno. Este gemido não lhe produz o efeito de sempre, do coração batendo forte, na necessidade de encapsular pelo pensamento a voz mortífera do Outro de sua fantasia, mas uma apreensão do corpo que lhe anima de fora da cena do temor.

Esse gemido, em um registro menos pesado, é como o que escuta o louco com o ouvido colado à parede, muito atento, na anedota. O visitante lhe pergunta – O que você está ouvindo? Ele responde – Encoste a cabeça e escute. Ao que o sujeito lhe diz – Não estou ouvindo nada. E o louco explica intrigado: Pois é, está assim há mais de cinco horas.¹²

Não é exatamente ouvir. Ela está mais - última imagem - para a vibração do “psiu de luz” de Guimarães Rosa:

Fechei-me no quarto. Pela janela aberta entrava um cheiro de mato misantropo. Debrucei-me. Noite sem lua, concha sem pérola. [Só vento] e silhuetas de árvores. E um vaga-lume lanterneiro (luciérnaga lanterneiro, faroleiro) que riscou um psiu de luz.¹³

A interpretação lacaniana se dirige ao ciframento, fora do sentido, do gozo. A reverberação dos sintomas contemporâneos também. Ela o faz, porém, no clima da música eletrônica, por exemplo - sem sentido, mas sempre a mesma e para todos ao mesmo tempo agora. A ela, assim espero, podem se contrapor, após a travessia de uma história, a ressonâncias dos tantos “psius” que fazemos correr as ruas. Eles nos ajudam a manter vivo o discurso analítico que mantém aberto na cidade o rumor, em cada dito, de uma vibrante impossibilidade.¹⁴

Obrigado.

¹ “Não há uma interpretação analítica que não seja feita para dar a uma proposição encontrada sua relação com o gozo” (Lacan, J. *Estou falando com as paredes*, Rio de Janeiro, JZE, 2010, p. 60).

² Miller, J. *A orientação lacaniana*, curso de 2010-2011, inédito, lição de 23 de março de 2011.

³ *Le bruissement de la langue*, Paris, Seuil, 1984, p. 33.

⁴ É abrir-se à sua “galáxia de significantes” (Barthes, R. *S/Z*, Paris, Seuil, 1970, p. 11).

⁵ Retomando a oposição estabelecida por Miller entre “escutar” e “ler” (cf. Miller, *ibid*).

⁶ Benjamin W. *Rêves*, Paris, Gallimard, 2009, p. 55.

⁷ Quando, mais do que nunca, ir do simbólico ao real sem passar pelo imaginário parece possível, é bom lembrar que a psicanálise, como define Miller, toca no real, no que ele tem de simbólico, mas a partir do que o simbólico tem de imaginário Miller, J. “A formação do analista”, *Opção lacaniana n. 37*, São Paulo, EBP, set 2003, p. 27.

⁸ *Ibem, ibidem*.

⁹ Lacan, J. ... *ou pire*, Paris, Seuil, 2011, p. 100. Cf. tb. “... o inconsciente tem poucos recursos, o inconsciente e a interpretação que é do mesmo nível” e “[há uma] existência além da interpretação, ou seja, o sintoma como iteração.”, Miller, J. A. *op. cit.* lição de 4 de maio de 2011.

¹⁰ Definida por Miller “como fazer soar outra coisa que não o sentido” (Miller, J. A. *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan, O sinthoma*, Rio de Janeiro, JZE, 2010, p. 183).

¹¹ Definida por Miller “como fazer soar outra coisa que não o sentido” (Miller, J. A. *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan, O sinthoma*, Rio de Janeiro, JZE, 2010, p. 183).

¹² *Ibid*, p. 11.

¹³ Guimarães R. J. *Tutaméia: terceiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (1967)2001, p. 211.

¹⁴ Parafrazeando Guimarães Rosa: “sempre haverá uma rubra ou azul impossibilidade no roxo” *Ibid*.



Copyright © dos autores, 2011.

Responsáveis pela Escola Brasileira de Psicanálise

Angelina Harari
Vera Avellar Ribeiro

Diagramação
Fernanda Moraes

Revisão
Neysa de Castro Sanguinetto

Produção
Silvano Moreira

Divulgação
Soraya Monteiro

Solicitado: *A ordem simbólica no século XXI*
Associação Mundial de Psicanálise

Belo Horizonte, Scriptum Livros, 2011.

424p, 15x21cm

ISBN: 978.85.89044.24.0

Textos preparatórios para o VIII Congresso da Associação
Mundial de Psicanálise (AMP), Buenos Aires, abril de 2012.

1. Psicanálise. 2. Clínica psicanalítica. I. Associação
Mundial de Psicanálise (AMP)

CDD: 159.964
CDD: 150.195

Editora Scriptum
Rus Fernandes Tourinho, 99
Savassi | BH | MG | Brasil
55 (31) 32 23 17 89
editora@scriptum.com.br
scriptum@scriptum.com.br
www.livrariascriptum.com.br

Escola Brasileira de Psicanálise
Rua Felipe dos Santos, 588
Bairro de Lourdes | BH | MG | Brasil
55 (31) 32 92 57 76
ebp@org.com.br
www.ebp.org.br

Diretores de Solicitud:
Flory Kruger e Leonardo Gorostiza

Comitê de Ação da Escola Una:
Susana Amado
Francisco Anselmet
Domenico Cosenza
Angelina Harari
Juan Fernando Pérez
Antoni Vicosa
Rosa Paúe Vinciguerra

Responsáveis pelas Comissões de Leitura:

EOL: Adriana Testa

Colaboradores: Alicia Bendersky, Silvia Benzini, Mónica Gurevitz, Elena Levy Yeyati,
Liliana Maus, Silvia Tendler, Fernando Vitale, Mónica Wons

ECP: Catherine Lazarus-Malet

ELP: Lucía D'Angelo

Colaboradores: Shado Edler, Rosa López, María Navarro

EBP: Oscar Reymundo

Colaboradores: Carlos Augusto Nicolás, Fernando Coutinho, Ila F. Ferrari,

Jordan Gurgel, Lígde Goulart, María Cristina Maia,

María Josefina S. Fuentes, Rosana de Fonta, Zelma Galazi

NEL: Héctor Gallo

Colaboradores: Raquel Cors, Fernando Gómez,

Mayra de Harze, Mónica Pelizza, Gerardo Requiz

NLS: Geert Hoornaert

SLP: Sergio Caretto

Responsáveis pelas Comissões de Tradução:

Espanhol: Silvia Baudín

Colaboradores: Marganta Alvarez, Carlos Alenxo

Francês: Monique Amraut

Italiano: Rosanna Tronante

Português: Vera Lúcia Avellar Ribeiro e Angelina Harari

Colaboradores: Elizabeth Siquiera, Frederico Foa de Carvalho, Jordan Gurgel,

Ligde Goulart, Maria de Carmo Dias Batista, Maria Elza Deleceve Monteiro

Responsáveis pelas Comissões de Edição:

Espanhol: Alejandra Glaze

Colaboradores: Leticia Acevedo, Alejandra Antuña, Bernardette Houssey,

Paula Husni, Lucas Lessa, Elsa Maluenda

Português: Vera Lúcia Avellar Ribeiro e Angelina Harari

Francês: Monique Amraut

Italiano: Maria Bolgiani